A EXPANSÃO DO PENTECOSTALISMO NAS PERIFERIAS

Raízes sociais e culturais do crescimento pentecostal nas periferias brasileiras

Vinícius Oliveira Tropiano de Barros[1]

DOI do depósito: https://doi.org/10.5281/zenodo.23113728

RESUMO

O pentecostalismo encontrou nas periferias brasileiras um terreno fértil para se expandir, e este artigo procura compreender por que isso aconteceu. Desde o início do século XX, o movimento se caracterizou pela ênfase na experiência direta com o divino, pela simplicidade litúrgica e pela valorização da experiência pessoal da fé, elementos que o tornaram próximo das camadas populares, especialmente dos pobres urbanos. Na medida em que o Estado se ausentou desses territórios, as igrejas pentecostais passaram a ocupar esse vazio, oferecendo redes de apoio informal, espaços de socialização e um novo sentido de pertencimento. O protagonismo das lideranças locais e a formação de um capital social próprio reforçaram a coesão dessas comunidades e sua capacidade de mobilização. Esse processo, por sua vez, preparou o terreno para a emergência do neopentecostalismo e da Teologia da Prosperidade. Conclui-se que a expansão pentecostal nas periferias expressa, ao mesmo tempo, uma forma de resistência cultural frente à exclusão e um processo de reconfiguração identitária e comunitária, cujos desdobramentos seguem marcando o cenário religioso brasileiro.

Palavras-chave: Pentecostalismo; Periferias urbanas; Religião e sociedade; Capital social; Neopentecostalismo.

ABSTRACT

Pentecostalism found fertile ground in the Brazilian peripheries, and this article seeks to understand why. Since the early twentieth century, the movement has been characterized by its emphasis on direct experience with the divine, liturgical simplicity and the valuing of personal faith, elements that brought it close to popular classes, especially the urban poor. As the State withdrew from these territories, Pentecostal churches came to occupy that void, offering informal support networks, spaces of socialization and a new sense of belonging. The role of local leadership and the formation of a distinct social capital strengthened the cohesion of these communities and their capacity for mobilization. This process, in turn, prepared the ground for the emergence of Neo-Pentecostalism and the Prosperity Theology. The article concludes that the Pentecostal expansion in the peripheries expresses, at once, a form of cultural resistance to exclusion and a process of identity and community reconfiguration, whose developments continue to shape the Brazilian religious landscape.

Keywords: Pentecostalism; Urban peripheries; Religion and society; Social capital; Neo-Pentecostalism.

[1] Doutorando em História do Cristianismo (FACITE). Mestre em História do Cristianismo (FACITE). Pós-graduado em Teologia e História das Religiões (UNIMINAS) e em Teologia Sistemática (UNIMINAS). MBA em Gestão de Recursos Humanos (UNYLEYA). Professor, escritor e coordenador do programa de pós-graduação da FACITE. Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/4599642031954623. E-mail: vinicius.tropiano@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

O pentecostalismo, em sua origem no Brasil no início do século XX, rapidamente se destacou por sua ênfase na experiência direta com o divino, por meio de dons espirituais como a glossolalia (falar em línguas), a cura e a profecia. A simplicidade litúrgica, o apelo emocional e a valorização da experiência pessoal da fé tornaram o pentecostalismo acessível a amplas camadas da população, especialmente os pobres urbanos e rurais (Freston, 1993; Mariano, 2010). Este movimento não se limitou a uma mera transposição de dogmas, mas estabeleceu uma conexão profunda com a realidade material e espiritual do povo brasileiro, permitindo uma interpretação do sagrado que dialogava diretamente com as angústias cotidianas.

Esse caráter popular contribuiu para que o movimento encontrasse receptividade nas franjas sociais, nas quais outras expressões religiosas pareciam distantes e elitizadas. Durante a segunda metade do século XX, com a urbanização acelerada, a migração em massa para os grandes centros e o agravamento das desigualdades, o pentecostalismo se consolidou como uma das principais formas de organização comunitária nas periferias. Não se tratava apenas de uma transposição de dogmas.

Havia ali uma leitura do sagrado que dialogava diretamente com as angústias do cotidiano, e era isso que aproximava o movimento da realidade material e espiritual do povo. A ausência de ritos complexos e a abertura para que o próprio fiel se tornasse agente da propagação da fé facilitaram a chegada do pentecostalismo a territórios onde o Estado e as instituições tradicionais tinham pouca ou nenhuma penetração.

O presente artigo busca analisar a expansão do pentecostalismo nas periferias urbanas brasileiras, compreendendo suas raízes sociais e culturais, o papel das igrejas como instâncias de organização comunitária e o protagonismo das lideranças locais. Para isso, dialoga com autores clássicos e contemporâneos dos estudos sobre o pentecostalismo, percorrendo desde as origens populares do movimento até a emergência do neopentecostalismo.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 As origens populares do pentecostalismo

Nas palavras de Emílio Willems, tratava-se de uma aculturação religiosa que traduzia a fé em práticas cotidianas, dotando o indivíduo de novos códigos morais e de pertencimento. O fiel, ao converter-se, reorganizava sua vida pessoal, familiar e social, projetando uma ruptura com o passado e uma reconfiguração de sua identidade (Willems, 1967). Essa ruptura não era

apenas simbólica. Na prática, traduzia-se em mudanças concretas de comportamento, o abandono de vícios, a adoção de uma disciplina doméstica, que, em contextos de extrema precariedade, favoreciam uma certa estabilidade.

O pentecostalismo oferece ao homem das massas, despojado de suas raízes tradicionais e lançado no turbilhão da urbanização anômica, um novo sentido de comunidade. A igreja torna-se a 'família' substituta, onde o indivíduo é reconhecido pelo nome e valorizado por sua experiência espiritual, independentemente de sua posição na estrutura produtiva ou de seu nível de instrução formal (Willems, 1967, p. 128).

Essas igrejas, por não dependerem de grandes estruturas institucionais, conseguiram se expandir de forma capilar pelas áreas urbanas mais pobres, muitas vezes ocupando garagens, barracos ou salões improvisados. O caráter descentralizado e a proximidade com a realidade local tornavam o pentecostalismo particularmente eficaz como instrumento de organização comunitária. A flexibilidade arquitetônica e institucional permitiu que a fé acompanhasse o ritmo de crescimento das ocupações urbanas, estabelecendo-se antes mesmo da chegada de infraestrutura básica como saneamento ou eletricidade.

2.2 Pentecostalismo e organização comunitária nas periferias

Como observou Paul Freston, o pentecostalismo brasileiro representa uma forma de resistência social e cultural frente à exclusão, conferindo voz e agência a sujeitos historicamente marginalizados (Freston, 1993). A expansão pentecostal está intrinsecamente ligada ao abandono estatal das periferias. Em um cenário de invisibilidade política, a conversão oferece uma gramática de dignidade que o mundo secular nega ao morador da periferia: o 'marginalizado' se torna 'escolhido de Deus'.

As igrejas passaram a ocupar o vácuo deixado por políticas públicas ineficazes, oferecendo redes de apoio informal, espaços de socialização, socorro espiritual e até material. Dessa forma, elas preencheram necessidades emocionais e práticas, funcionando como substitutas de serviços públicos ausentes. Em muitos contextos, a igreja tornou-se o principal ponto de referência na vida do crente, mais presente do que a escola, o posto de saúde ou o sistema judiciário (Mariz, 1999; Birman, 2011). A eficácia dessa rede de apoio reside justamente na confiança mútua, o “irmão” de fé é o primeiro recurso em momentos de desemprego, doença ou luto.

A igreja pentecostal na periferia funciona como uma agência de previdência social informal. Ela não apenas provê o alimento espiritual, mas organiza o mutirão para o telhado do vizinho, a cesta básica para a viúva e a recomendação de emprego para o jovem convertido. É

uma estrutura de sobrevivência que precede e muitas vezes supera a burocracia estatal (Freston, 1993, p. 74).

Com a chegada da chamada segunda onda pentecostal, nas décadas de 1950 e 1960, observou-se a profissionalização da evangelização e a introdução de novos recursos comunicacionais. O uso estratégico do rádio, da televisão e de materiais impressos ampliou profundamente o alcance das mensagens pentecostais. Essa nova fase, caracterizada por um discurso mais pragmático e voltado para resultados, principalmente de cunho material, foi preparando o caminho para a emergência do neopentecostalismo, que incorporaria de maneira ainda mais explícita os valores do mercado e da realização pessoal.

2.3 Lideranças locais e capital social

É fundamental destacar que, embora o pentecostalismo tenha raízes teológicas próprias, ele dialoga, em sua prática cotidiana, com elementos do ethos protestante clássico, especialmente na valorização do trabalho árduo, da disciplina moral e da abstenção de vícios. Max Weber, em sua clássica obra A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo, já havia demonstrado como a religiosidade pode moldar o comportamento econômico dos indivíduos (Weber, 2004). Nas periferias, essa ética se traduz em estratégia de sobrevivência e de ascensão mínima em meio à escassez.

No contexto brasileiro, o pentecostalismo retoma esse princípio sob novas bases, adaptadas à realidade periférica e à linguagem popular. Além disso, o crescimento das igrejas pentecostais nas periferias contribuiu para o surgimento de uma nova forma de capital social. Ao participar ativamente da igreja, o fiel passa a integrar uma rede de solidariedade que o apoia não apenas espiritualmente, mas também social, emocional e economicamente. A rede de solidariedade, por sua vez, funciona como um amortecedor contra as crises econômicas que atingem com mais força as classes subalternas.

Santiago aponta que, para muitos pastores oriundos de contextos periféricos, o ministério se torna uma forma de empreendedorismo religioso, no qual a fé mobiliza recursos simbólicos e materiais para a transformação de vidas (Santiago, 2019). Outro elemento central dessa expansão é o protagonismo de lideranças locais, que muitas vezes compartilham das mesmas origens dos membros das igrejas. O pastor da periferia, frequentemente, é alguém que “veio do nada”, e sua trajetória de vida serve como prova viva da eficácia da mensagem que prega.

Esses líderes religiosos constroem sua autoridade com base em trajetórias de superação e em um carisma reconhecido pela comunidade. A proximidade cultural e territorial permite

uma identificação imediata entre o pastor e seus fiéis, o que reforça a coesão do grupo e potencializa sua capacidade mobilizadora. Como destaca André Ricardo de Souza, essas lideranças se destacam não apenas por seu discurso espiritual, mas também por sua habilidade organizacional e visão estratégica (Souza, 2011). Esses líderes atuam ainda como mediadores entre a comunidade e o mundo exterior, exercendo influência que muitas vezes ultrapassa o âmbito estritamente religioso.

2.4 O caminho para o neopentecostalismo

Por fim, é importante reconhecer que a expansão do pentecostalismo nas periferias preparou o terreno para a emergência do neopentecostalismo, que levaria a lógica da fé ainda mais longe, ao associá-la diretamente à prosperidade financeira e ao sucesso pessoal. Se o pentecostalismo clássico concentrava-se na santidade e na espera pela vida eterna, o neopentecostalismo traz a promessa da 'vitória' para o tempo presente, numa linguagem que ressoa com as aspirações de consumo e ascensão das massas urbanas.

A presença consolidada das igrejas nas áreas urbanas, a eficácia de suas redes de apoio e a formação de um público fiel e mobilizado foram fundamentais para a aceitação da Teologia da Prosperidade como novo paradigma religioso. Essa transição radicalizou a ênfase na vitória material e inaugurou uma nova fase do empreendedorismo da fé. A igreja deixa de ser apenas um refúgio contra o mundo para se tornar um espaço de conquista do mundo.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso aqui apresentado permitiu compreender a expansão do pentecostalismo nas periferias como um fenômeno ao mesmo tempo religioso e social. A ênfase na experiência direta com o divino e a simplicidade litúrgica tornaram o movimento acessível às camadas populares, que encontraram nele uma forma de pertencimento e de reorganização da vida diante da exclusão.

Vimos também que as igrejas, ao ocuparem o vazio deixado por políticas públicas ineficazes, constituíram-se em instâncias centrais de organização comunitária, oferecendo redes de apoio informal e referências de sociabilidade. O protagonismo das lideranças locais e a formação de um novo capital social reforçaram a coesão dessas comunidades e sua capacidade de mobilização.

Por fim, observamos que essa presença consolidada preparou o terreno para a emergência do neopentecostalismo e da Teologia da Prosperidade, que associaram a fé à realização material e ao empreendedorismo religioso. A expansão pentecostal nas periferias

expressa, portanto, tanto uma forma de resistência cultural frente à exclusão quanto um processo de reconfiguração identitária e comunitária, cujos desdobramentos seguem marcando o cenário religioso brasileiro contemporâneo.

REFERÊNCIAS

BIRMAN, Patrícia. O que é religião?: sociologia, antropologia e a invenção do social. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

FRESTON, Paul. Protestantes e política no Brasil: da Constituinte ao impeachment. Campinas: Unicamp, 1993.

MARIANO, Ricardo. Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2010.

MARIZ, Cecília. Coping with poverty: Pentecostals and Christian Base Communities in Brazil. Philadelphia: Temple University Press, 1999.

SANTIAGO, Ricardo. Empreendedorismo da fé: a gestão religiosa nas periferias paulistanas. São Paulo: Editora Reflexão, 2019.

SOUZA, André Ricardo de. Igreja in concert: padres cantores, mídia e marketing. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

WEBER, Max. A ética protestante e o espírito do capitalismo. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WILLEMS, Emílio. Followers of the New Faith: Culture Change and the Rise of Protestantism in Brazil and Chile. Nashville: Vanderbilt University Press, 1967.

Vinícius Oliveira Tropiano de Barros
1 [Mestrado em História da Igreja – Faculdade FACITE – Coordenador do Programa de Pós Graduação da FACITE]